

LEONARDO DA VINCI

BRUNO ENEI

Com particulares solenidades e festejos, a Itália, a França, a Inglaterra, a América do Norte e do Sul, celebraram ontem, 15 de Abril, o quinto centenário do nascimento de Leonardo da Vinci.

No Rio de Janeiro a comemoração foi feita pelo mesmo Governo, e, na Capital do Paraná, foi ela patrocinada pelo Secretário da Educação do Estado, Dr. Newton Carneiro.

Os meios intelectuais do mundo, pois, foram mobilizados por esse acontecimento.

Não é fácil dizer brevemente quem foi, quem é Leonardo; que representou e que representa ele hoje para nossa sensibilidade moderna. Precisar-nos-ia evocar a idade, o ambiente literário, artístico e científico que ele direta ou indiretamente viveu, lembrando os pintores, os escultores, os arquitetos e poetas que, no então, em poucos decênios iluminaram Itália e Europa de pintura, de escultura, de liberdade e de objetividade, de afoiteza e de coragem, de experiências e de leis. É o tempo em que os livros se tornam a natureza dos filólogos, assim como a natureza se torna o livro dos cientistas. Tudo acaba de ser dileitante, provisório, improvisado. Tudo se torna clássico. O alvo de todos é a perfeição, o absoluto. Tudo se torna ciência: de qualquer atividade e aspecto de atividade e gênero e sob-espécie estabelecem-se o código, as leis, os fundamentos. É o tempo em que, ademais, foi possível dar aos homens, além dos oceanos, terras desconhecidas, julgadas absolutamente inexistentes, como esta nossa América, onde agora vivemos e trabalhamos, augurando uma civilização mais serena, uma operosidade mais humana, uma educação mais vasta que não conheça as tristezas dos choques e o abatimento do rancor.

Assim, teríamos uma idéia do que foi a atmosfera vigorosa e serena, confiada e heróica, indagadora e ordenadora, bela e límpida e gentil de músicas, de poesias e de arte, precedendo e seguindo, entre a segunda metade do século XV e a primeira do século XVI, os anos de 1452-1519 que representam os dois pontos extremos da vida de Leonardo; deste filho genial e rebelde, sacerdote de uma religião da vida a quem nunca falhou, místico e extasiado adorador da natureza, a qual, justamente através da análise, da observação e da indagação mais minuciosa e mais teimosa, lhe se torna um templo de leis inderrogáveis, uma construção viva de conceitos e de lógica, e um edifício de harmonia.

Para compreendê-lo, três aspectos de sua personalidade devem ser particularmente frizados: sua autonomia, sua ância do infinito, sua atitude criadora.

Muitos seus admiradores, querendo louvá-lo, limitaram e alteraram a personalidade de Leonardo. Fizeram dele uma figura sublimemente fabulosa e romântica; contô, de fato, ele é, mas num plano superior e absoluto, que é aquele onde a admiração dos pósteros

coloca — comovida e reverente — seus “egregios” e protagonistas.

Chamaram-no, de vez em vez, poeta, filósofo e humanista, empírico, empirista e positivista, cientista e artista.

Definiram-no um “enciclopedismo” pode, talvez, fazer pensar mais a uma “quantidade” do que a uma “qualidade”.

A eternidade de Leonardo fica muito mais em alto de sua “poliedricidade” e do seu “enciclopedismo”.

Não obstante a desmedida e assombrosa documentação de suas pesquisas, de seus interesses e de seus resultados, Leonardo não é Leonardo por um juízo de “quantidade”, Leonardo é Leonardo por uma visual de “qualidade”.

Ele é uma “categoria”, um momento do nosso espírito, o da “praticidade”, o da realização, que — saindo da esfera teórica da contemplação e da especulação, desce esta contemplação a esta especulação numa realidade, numa criatura e numa criação, para, depois, como a abelha da flor à colmeia e da colmeia à flor —, remontar e sublimar-se na esfera do absoluto puro e teórico.

Chamá-lo “teórico altíssimo” não é, pois, tudo; assim como não é igualmente tudo chamá-lo “mago da prática”, ou seja “sublime pintor”.

O tom aristocrático e inconfundível de sua solitária personalidade está naquele recolhimento soberano e atento do sábio contemplando e seguindo o fenômeno para prender-lhe e determinar-lhe as leis, e naquela atitude maravilhada e iluminada da posse, da aplicação, da matemática certeza criativa.

Para Dante saber é amar, para Leonardo saber é criar.

Faltava à civilização humanístico-renascentista um gênio com estas peculiaridades prometidas. Não podia

não surgir no século das descobertas, no século das navegações, da Escola de Sagres e de Colombo.

Assim, Leonardo, perto da poesia grande de Ariosto e da altíssima ideologia de Machiavelli, veio completá-lo. E é mesmo por ele, por este solitário e incansável especulador e atuante, que o humanismo tem hoje uma sua historicidade e uma razão de ser além dos campos, inegavelmente sublimes, das letras e da arte e da teoria.

Pensando em Leonardo, divisamos Galileo, compreendemos Alexandro Volta; pensamos numa tradição de solene e religiosa ciência; numa parábola que inicia com Ele e que, irradiando e enobrecendo o homem e o mundo; se continua e se desenvolve com Pasteur, com Guglielmo Marconi, com Edison, com Fermi, com Einstein. Do “olho” de Leonardo ao átomo e a idrogênica linha da ciência e de suas realizações não houve interrupção de continuidade.

Porisso, não é ele nem propriamente literato nem filósofo. Nada mais é a palavra nele senão aproximação e momento: uma espécie de nota para não esquecer, uma espécie de plano para construir. Sua característica é, na arte, a **côr**; na ciência, um **instrumento**: em ambos os casos, um **sensível**. E se ele é humanista, é-o não no sentido mais comum; mas naquele, mais vivo e mais nosso, de **homem**; que com a palavra-côr e com a linguagem-instrumento, nunca esqueceu a humanidade, a vida interior, a universalidade. Neste sentido ele é bem latino e moderno! Neste sentido, ele é bem nosso contemporâneo: um nobre e superior contemporâneo de quem falamos mais como falaríamos de um amigo, de uma pessoa querida e ausente (da qual não sabemos, nem podemos fazer a menos), do que de um homem que já foi.

Para o mundo todo, não só para a Itália, ele ontem não somente nasceu, mas ele vive.